

Crescer em Brasília é brincar numa cidade de extremos. A capital federal coleciona recordes. De famílias chefiadas por mulheres, de gente diplomada, de casa alugada, de menino em colégio particular. É a menor taxa de analfabetismo do país, mas quase 20 mil crianças com idade entre 7 e 14 anos ainda não sabem ler nem escrever.

A escola pública da capital federal nasceu em 1960 com a promessa de ser a melhor do Brasil. Hoje, a rede privada abocanha 29,9% das matrículas — é o segundo maior índice do país, só perde para o Rio de Janeiro. Pagar para estudar é indicativo de duas coisas. De um lado, mostra que a rede pública deixa a desejar. De outro, que as crianças vivem em famílias com algum dinheiro no bolso. Algum.

Brasília acumula o melhor rendimento mensal familiar do país — R\$ 2.275, sendo que os 10% mais ricos ganham em média R\$ 4.639. No entanto, quase a metade da população, 46,35%, vive com até cinco salários mínimos. Dá para criar os filhos numa casa digna. Ou apartamento.

Menino daqui é filho de apartamento. É a cidade brasileira com mais gente vivendo em edifícios — cerca de 21,87%. No Tocantins, são menos de 0,34%.

Ainda que infância feliz tenha cheiro de mangueira no quintal, é impossível negar que morar em prédio garante uma certa qualidade de vida. Todos têm água, luz, coleta de lixo e banheiro. São dados fundamentais quando se trata de criança.

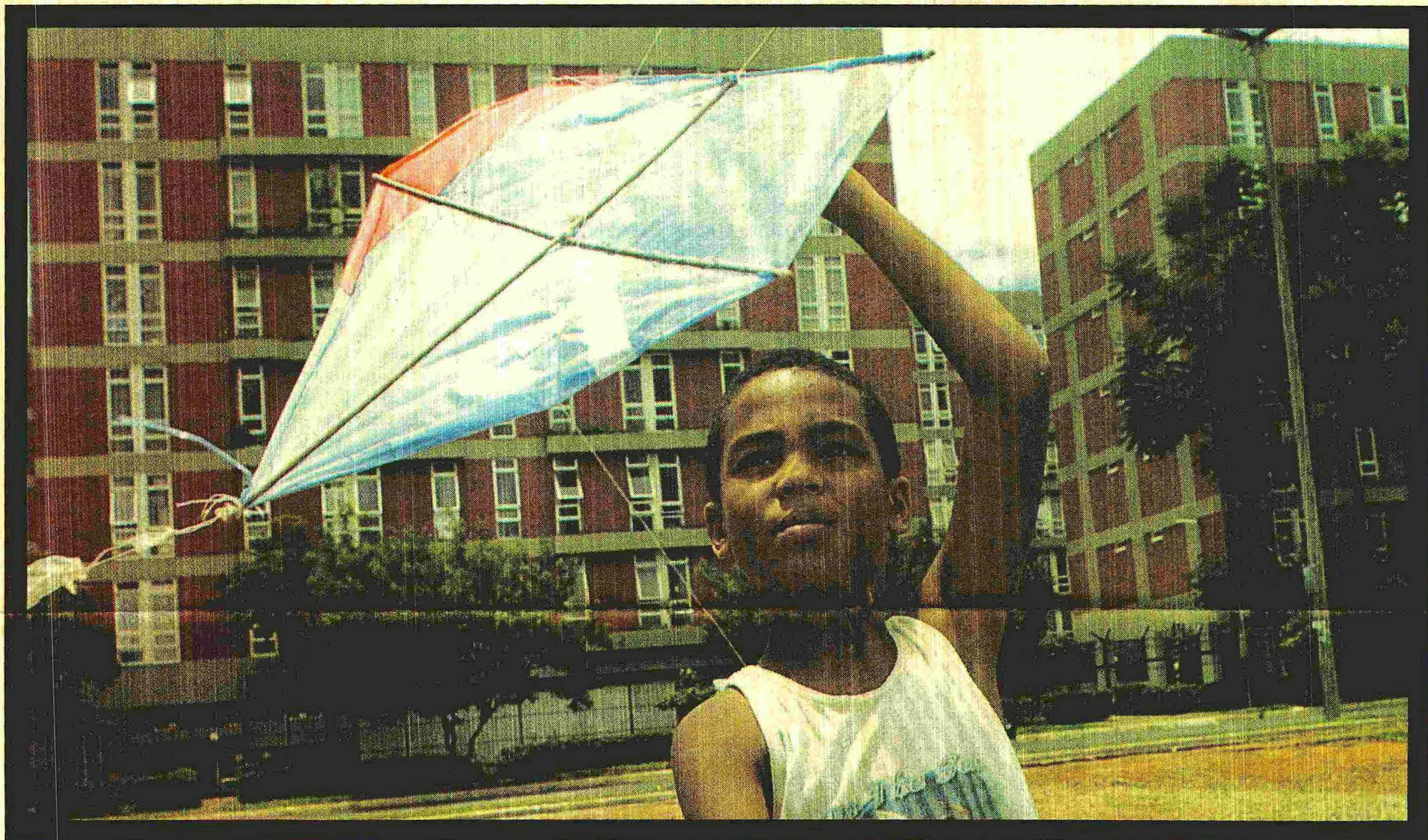
Os especialistas em políticas públicas calculam que a mortalidade infantil triplica quando falta saneamento. Brasília, aliás, conseguiu um curioso recorde no assunto. Quase 15% dos domicílios contam com mais de três banheiros. Uns com tanto e outros sem nada: no centro nervoso da República, ainda há 29.762 residências sem um único vaso sanitário.

Os números são do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, o IBGE, que cruzou estatísticas do Censo 2000 e elaborou uma detalhada base de dados sobre a realidade brasileira. O Correio Braziliense regionalizou as informações e publica até segunda-feira uma série de reportagens sobre a vida em Brasília.

Hoje contamos como meninas e meninas crescem no coração do Brasil, em clima de cidade pequena e tormento de megalópole. Para quem tem menos de 10 anos, como Douglas Lira, significa soltar pipa em pátios cercados de grades.



Crescer



DOUGLAS (AO LADO) E AS CRIANÇAS DA FAMÍLIA DE ELMA (ABAIXO) TÊM EM COMUM APENAS O SOBRENOME SILVA: ABISMO SOCIAL

Disparidades sociais separam as crianças no espaço urbano que ostenta o maior índice de gente vivendo em apartamentos do país. Maioria é branca no documento e marrom na pele e aprende a viver em casas chefiadas por mulheres

ANA BEATRIZ MAGNO (TEXTO) E JOSÉ VARELLA (FOTOS)
DA EQUIPE DO CORREIO

Eles têm dez anos, a mesma cor, o mesmo sobrenome Silva, a mesma paixão pelas pipas. Terminam aí as semelhanças dos dois garotos brasilienses, unidos pela infância e separados pelos indicadores sociais.

Douglas estuda em escola particular. Gil não estuda; trabalha, ajuda a mãe a catar latinha pelas ruas do Guará. Volta e meia vasculham o lixo de Douglas — o menino mora num apartamento alugado, de três quartos, dois banheiros e muitas grades.

“É para separar. Nós, deles”, aponta o menino, na mais cruel das sociologias infantis. “Não sou rico. Rico é quem mora no Plano, no Lago. Sou classe média. Um pouco rico, um pouco pobre. Eles são só pobres.”

Douglas e Gil traduzem as estatísticas brasilienses. Um, a maioria. O outro, a minoria — percentualmente são poucos, mas em números absolutos, nos sinais de trânsito, nos lixões, mendigando nos botequins, viram muitos.

Quase a metade da população de Brasília tem

menos de 19 anos. Oitocentos e oito mil meninos e meninas crescem pelas escolas, cinemas e parques da cidade. A maioria, 50,66%, tem a cor de Gil e Douglas, branca no documento, marrom na pele. Apenas 4,93% nascem negros, menos ainda amarelos, 0,31%.

A casa

São 556.762 casas, mais de 20% apartamentos, cerca de três pessoas por moradia. Morar de aluguel é comum — quase um quarto da população e o maior índice do país.

“Minha mãe paga aluguel”, conta Douglas, herdeiro de freezer, televisão, telefone e geladeira. Sua casa se parece com a de seus conterrâneos. Só não tem carro. Por aqui, 70% das pessoas dependem de ônibus. “Pelo menos vou a pé para a escola. É perto de casa.”

A escola

Douglas estuda em colégio particular como

quase um terço da garotada de Brasília. Poucos estão fora de sala de aula, seja privada ou pública. Gil Gomes Silva é um desses 19.686 garotas e garotos ainda não alfabetizados, com idade entre 7 e 14 anos. Nunca foi matriculado, corre o risco de ignorar as letras como a mãe, mulher sofrida e desdentada, nove filhos, o décimo na barriga, todos amontoadas num barraco sem banheiro.

“A gente usa o mato”, resume a primogênita, Elma, 18 anos, também buchuda e um garoto sentado no meio do lixo. “Comer lixo não faz mal para a saúde, isso é balela”, supõe a moça. “Estudar para quê?”, questiona a moça que parou de estudar na quarta série primária. Não deu tempo de aprender que os livros são segredo para melhorar de vida.

Mais estudos, salários maiores. Os bons indicadores sociais de Brasília mostram bem isso. O menor índice de escolaridade está entre quem ganha até meio salário mínimo — 75,7% das crianças que moram em famílias com rendimento *per capita* de

menos R\$ 120 estudam, enquanto a taxa sobe para 98,7% entre o grupo de R\$ 600.

Resultado: a capital do país tem o maior percentual de gente diplomada e o melhor rendimento médio *per capita* do Brasil. Quase 10% da população terminou a faculdade e 76% dos adolescentes de 15 a 17 anos não precisam trabalhar para estudar. Só estudam. “Minha mãe trabalha para eu poder estudar”, conta Douglas, certo de que as mulheres são as heroínas em sua família

A família

Mais de um terço, 32,7%, das casas brasilienses são chefiadas por mulheres. “Minha mãe e minha avó cuidam de mim”, conta Douglas. “Lá em casa é assim também. Só vi meu pai uma vez. Ele mora no Rio”, emenda o amigo Rafael da Rocha Neto, oito anos e um sonho de trabalho. “Se Deus quiser, vou casar e ser jogador de futebol.” Mas, religião, trabalho e casamento são assuntos para a reportagem de amanhã.



Retrato de Brasília

729 mil

meninos e meninas estão na escola

19.686

meninos e meninas entre 7 e 14 anos não estão alfabetizados

29%

das crianças estão matriculadas na rede privada de ensino, enquanto no Brasil esse percentual é de 18,95%

163.172

pessoas são analfabetas, sendo que 14 mil têm idade entre 10 e 15 anos

10,52%

dos moradores de Brasília têm curso superior. A média brasileira é de 5%

23%

das casas têm computador, o percentual mais alto do país, junto com São Paulo e Rio de Janeiro